

RESENHA

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Ilma Regina Castro Saramago de Souza¹

Stuart Hall nasceu em Kingston, na Jamaica, no dia 3 de fevereiro de 1932. Estudou como bolsista Rhodes no Merton College, na Universidade de Oxford, onde obteve o seu mestrado. Trabalhou na Universidade de Birmingham e tornou-se o personagem principal do Birmingham Center for Cultural Studies. Em 1968 Hall tornou-se o diretor dessa unidade situada na Universidade de Birmingham. Em 1997, Hall aposentou-se do Open University.

Nesta obra Hall discute questões relacionadas à identidade cultural, o descentramento do sujeito, os conceitos e as complexidades referentes à “crise de identidade”. Além disso, o teórico discute as relações das identidades culturais, voltadas ao “pertencimento” das culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais.

Hall lembra que nas ciências sociais, as discussões voltadas para a descentralização, seja o deslocamento ou a fragmentação ocorrida nas identidades pós-modernas, ainda são demasiadamente questionadas, causando, inclusive, divisões de ideias. São discussões complexas e cheias de ambiguidades, as quais não podem ser colocadas definitivamente à prova, nem podem ser concluídas e definitivas.

Nesta perspectiva, alguns teóricos defendem que as mudanças estruturais ocorridas no final do século XX estão transformando as sociedades

¹ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade da Amazônia (FAMA). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia. Graduanda em Letras. É pesquisadora no Grupo de Estudos Pedagógicos - GEP, e no Grupo de Pesquisa Língua, Cultura e Sociedade Amazônica/Amazônia - GEPS. Atualmente é Missionária Educadora - Junta de Missões Nacionais / CBB.

modernas, resultando nas “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade” (Hall, 2006, p. 9). O que obviamente, abala a solidez existente da sociedade, seja ela representada por indivíduos ou por grupos.

Tal movimento causa a instabilidade, denominado por alguns de deslocamento ou descentração do sujeito, resultando na “crise de identidade”. O que bem explica o crítico cultural Kabena Mercer: “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p. 43, in: HALL, 2006, p. 9).

Neste processo de inúmeras mudanças, Hall questiona de quem, e, sobre quem está acontecendo às inúmeras transformações na sociedade, o que é inegável. Para tanto, ele busca concepções de identidades na própria história, situando o sujeito em épocas específicas:

1. O sujeito do Iluminismo – Nesta concepção, o indivíduo era totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação. O centro instalava-se em um núcleo interior, inato, o qual se desenvolvia, porém sem jamais perder a sua essência, continuando idêntico ao longo da sua existência. Deste modo, o centro era inato, essencial e idêntico, e, também individualista.

2. O sujeito Sociológico – Surge a consciência de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, pelo contrário, constituído pelas relações de pessoas que mediavam e compartilhavam valores, sentidos e símbolos, a cultura dos mundos na qual o sujeito estava inserido. De acordo com G. H. Mead e C.H. Cooleg e os interacionistas simbólicos, o sujeito ainda possui seu núcleo ou essência interior, porém interage, dialoga e se modificam com “os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11). O que possibilita, segundo Hall, um alinhamento entre os sentimentos e os objetivos do sujeito com os lugares objetivos que ele ocupa no mundo social e cultural. Metaforicamente, costurando ou suturando o sujeito à estrutura, tornando-os “reciprocamente mais unificados e previsíveis” (HALL, 2006, p. 12)

3. O sujeito Pós-Modernos – A concepção de quantidade do sujeito não é fixa, existencial ou permanente. Torna-se uma “celebração móvel” como caracteriza Hall. O sujeito é constantemente formado e transformado pelo meio, pelas relações e pelas representações dos sistemas culturais que o rodeia, portanto, sua construção não é biológica, mas completamente histórica. A identidade, no entanto é contraditória, permite ao sujeito não somente uma identidade, mas identidades, que são assumidas em diferentes momentos e ocasiões, deslocando-se a todo o momento.

Neste pensamento, a identidade unificada, completa, segura e coerente é apenas uma fantasia, pois a realidade é constantemente bombardeada de confrontos e deslocamentos das quais o indivíduo pode se identificar, ainda que temporariamente.

Hall destaca alguns pensadores que contribuíram par o entendimento da sociedade moderna. Para Marx e Engels (1973), a sociedade moderna possuía caráter incerto, dissolvíveis e antes mesmo de poder se calcificar iria envelhecer, pois não se sustentava por muito tempo.

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais a incerteza e os movimentos eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com o seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificassem. (MARX E ENGELS, 1973, p. 70, in: HALL, 2006, p. 14).

Anthony Giddens aponta as distinções existentes entre as sociedades tradicionais e as sociedades modernas: Das sociedades modernas ele afirma:

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, do presente e do futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (GIDDENS, 1990, p. 37-38, in: HALL, 2006, p. 15).

Enquanto na modernidade: “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas a luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1990, p. 37-38, in: Hall, 2006, p. 15).

O que Giddens (1990) destaca aqui é a transformação do tempo e do espaço, transcorrido na sociedade, o que ele define como “Desalojamento do sistema social” e das “extrações” das interações e reestruturações das escalas – tempo.

Já David Harvee (1989) fala da modernidade não somente como um rompimento impiedoso e rápido, mas como processo de rupturas e fragmentos sem fim, no seu próprio interior. Pensamento que Ernest Laclau (1990), completa posteriormente, destacando que na modernidade houve “um deslocamento” na sociedade, e nela não há mais um centro único, bem delineado e definido, mas há “uma pluralidade de centros de poder” que não se articulam, nem se organizam, pelo contrário, se desdobram em diversas causas ou leis. Este deslocamento, ou “descentramento” não é estático, pelo contrario está em movimento, em continuo deslocar em si e por si mesmo (HALL, 2006, p. 16).

Segundo Laclau (1990), as sociedades modernas tardias são caracterizadas pelas “diferenças”. Elas estão atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem as diferentes “posições de sujeitos”, isto é, diferentes identidades. A identidade estável do passado é desarticulada, possibilitando, com o descentramento, nossas articulações e criações de novas identidades, novos sujeitos que é a “recomposição de estrutura em torno de pontos mais nodais, particulares de articulação” (LACLAU, 1990, p. 40, in: HALL, 2006, p. 18).

Hall (2006) vai além do pensamento de “centralização” do indivíduo, o que afirma ser uma maneira muito simplista de classificar a sociedade moderna. Ele traça um panorama histórico do homem como figura fechada nas tradições e estruturas familiares, sociais, religiosas e científicas. Para o autor, o deslocamento acontecido nas sociedades modernas foi positivo, pois permitiu ao sujeito se apropriar de inúmeras identidades, despindo-se do sistema estrutural a qual fora envolvida durante toda a sua historia.

Ao discutir o descentramento do sujeito, o teórico aponta cinco grandes avanços ocorridos na teoria social e nas ciências humanas ocorridos na segunda metade do século XX que impactaram o mundo moderno. O primeiro foi com pensamento de Marx, em que os “homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe foram dadas”, este pensamento foi interpretado por muitos estudiosos de que o indivíduo jamais poderia ser autor e agente de suas histórias, mas estaria sempre sujeito a história, aos recursos materiais e culturais das gerações anteriores, o que foi contestado amplamente por muitos teóricos, inclusive por Althusser.

O segundo grande descentramento veio da descoberta do inconsciente de Freud em que a identidade, a sexualidade e a estrutura dos desejos do sujeito são formadas com base nos processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona com uma lógica bem diferente da razão. Este pensamento destrói a ideia do sujeito cognoscente e racional, dotado de identidade fixa e unificada – “penso, logo existo”. Estas teorias, e outras como as teorias de Lacan, também, foram criticadas, pois os processos inconscientes não podem ser vistos ou examinados facilmente, sendo colocado em prova a todo o instante.

O terceiro descentramento ocorreu com linguístico estrutural de Ferdinand Saussure quando afirmou que a língua é um sistema social e não individual, está em movimento constante e nela existem significados suplementares dos quais não temos o menor controle.

O Quarto descentramento aconteceu com os trabalhos do filósofo e historiador francês Michel Foucault com a teoria do “poder disciplinar”, cujo objetivo é manter em vigilância, em controle e disciplina tudo o que diz respeito ao homem “as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres” (HALL, 2006, p. 42). Este poder disciplinar está instalado no governo, nos quartéis, na escola, na igreja e em outras instituições desenvolvidas ao longo do século XIX. Resultando como sugere Hall em “[...] a individualização do sujeito individual”. (HALL, 2006, p. 43)

O quinto e último descentramento está no impacto do feminismo. Datado dos anos 70, o movimento apelava para a identidade social, polí-

tica e individual. Juntamente a este, muitos outros movimentos foram se formando a fim de lutar pelos seus direitos.

Hall destaca que, mesmo com tantas controvérsias quanto às questões da identidade, é impossível negar os efeitos desestabilizadores, na sociedade, a partir destes cinco pontos de descentralização.

Portanto, independente das discussões e negações existentes em torno da identidade, o teórico sinaliza que no mundo moderno “as culturas nacionais em que nascemos se constitui em uma das principais fontes de identidade cultural”, obviamente esta identidade não é definida geneticamente, no entanto nos apossamos dela como se fossem inerentes a nós.

Embora, seja comum pensar que a identidade nacional seja nata, ela é formada e transformada por representação, símbolos e significados dos quais são preservados com lealdade. Sendo assim, contata-se que a identidade nacional nada mais é do que uma “comunidade imaginada”. Conceito ampliado pelo britânico Enoch Powell “a vida das nações, da mesma forma que dos homens, é vivida, em grande parte, na imaginação” (POWELL, 1969, p. 245, in: HALL, 2006, p. 51).

Neste sentido, Hall enfatiza que para constituir uma cultura nacional, como uma comunidade imaginária, é necessário manter três requisitos: As memórias do passado, o desejo por viver em conjunto, e a perpetuação da herança. Porém, para isso não basta somente a lealdade, a união e a identidade simbólica, é preciso ter um ponto de estrutura de poder cultural envolvido neste fenômeno.

Utilizando-se das palavras de Anthony McGrew (1992), Hall responde a sua própria pergunta sobre o que está poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais do século XX. Ele afirma ser um complexo de processos e forças de mudanças denominado “globalização” que, se integrando e conectando-se sem às limitações do tempo e do espaço, atravessa fronteiras nacionais e mundiais, “de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas” (HALL, 2006, p. 69).

Com a globalização tão presente no século XX, surgem discussões sobre a homogeneização cultural, entretanto, Hall (2006) afirma ser improvável que as identidades nacionais sejam destruídas, pelo contrário,

ela irá produzir novas identificações globais e novas identificações locais, pois o impacto global traz novos interesses para o local, verdade muito bem exemplificada pelo autor ao referir-se as sociedades da periferia, geralmente abertas para o novo.

Neste caso, a sociedade precisa estar apta a negociar com as novas culturas que lhes são apresentadas, sem deixar-se assimilar por elas perdendo definitivamente a sua identidade. Normalmente, fenômeno que ocorre com aqueles envolvidos nas culturas híbrida, muitas vezes, resultado da diáspora.